

Pormenores de Lojas

As frontarias das lojas variam desde horrendos exemplos de comercialismo até requintados exemplos de design contemporâneo. Jonathan Tatlor sublinha o seu desenvolvimento histórico e a importância de uma boa pormenorização. As imagens de pormenores típicos foram fornecidas por John Clenshaw, Historic Shopfronts.

Jonathan Taylor

Tradução por António de Borja Araújo, Eng.º Civil, I.S.T.

As origens das tradicionais frontarias de lojas remontam às bancas de feira da Idade Média. Antes da revolução industrial e do vasto desenvolvimento urbano que a acompanhou, o comércio a retalho era dominado pela feira. As primeiras lojas eram geralmente simples variações das bancas das feiras, e estavam apenas parcialmente encerradas pelo edifício. Era vulgar a existência de um toldo sobre uma bancada saliente. Numa outra variação, o vão estava protegida por dois taipais (stalls) horizontais; o superior dobrava-se em dois, como se fosse um toldo ou "pet roof", e o inferior dobrava-se para baixo, para formar uma bancada. Hoje em dia a expressão "stall-riser" ainda é usada para descrever a parte da frontaria da loja que fica por debaixo da montra.



Figura 1. Alçado exibindo elementos de frontarias de lojas dos finais do século XVII e inícios do século XIX. Notem-se as entabladuras, consistindo em cornija, friso e arquitrave. O friso alargava-se para suportar a tabuleta com o nome da loja. A entabladura está suportada sobre pilastras por intermédio de capitéis ou de suportes em consola.

Em meados do século XVIII, a loja conforme a conhecemos actualmente já tinha emergido. A montra de vidro, que provavelmente apareceu nos finais do século XVII, já era comum. Pequenas janelas envidraçadas, frequentemente projectadas para fora, sob uma canópia, apareceram nas mais prestigiosas zonas comerciais de Londres e nas principais cidades de

feira. As tabuletas penduradas foram também introduzidas nesta fase inicial, aumentando de dimensões conforme cada qual competia pela visibilidade, até que foram banidas da cidade de Londres em 1764. Por volta de 1784, os lojistas já eram suficientemente numerosos para serem alvos de tributação, já que William Pitt lutava para angariar fundos durante o período de conflito contínuo com França.

Dentro do espírito do classicismo que então prevalecia, emergiu uma linguagem ornamental que era exclusiva das frontarias de lojas. Foram introduzidos pormenores clássicos para realçarem a aparência das grandes frontarias de lojas, abertas em vulgares casas sequenciais. A viga, ou "*bressummer*", que suportava a fachada de cima estava disfarçada por uma "entabladura", e foram introduzidas colunas clássicas, embasamentos ou suportes em consola, configurando volutas, para proporcionarem um suporte visual. A entabladura era uma oportunidade ideal para exibir o nome da loja, e o friso ou faixa era alargado em conformidade.

As frontarias das primeiras lojas Georgianas são relativamente raras, mas podem ser encontrados alguns exemplos isolados em muitas cidades por todo o Reino Unido. São caracterizadas pelas suas janelas geminadas salientes de ambos os lados de uma porta central semi envidraçada, que foi popular desde meados da década de 1740 até ao final do período da Regência. No entanto, o período Georgiano foi igualmente responsável por uma larga variedade de outros desenhos, cobrindo totalmente o espectro do gosto popular, desde o frio classicismo de Revivalismo Grego, até ao padrão de arco apontado envidraçado "Gótico". As frontarias, que eram projectadas para publicitarem as características mais actualizadas dos artigos à venda, eram frequentemente encomendadas para seguirem o design mais recente, e as suas formas reflectiam as modas do período. Consequentemente, muitos desenhos interessantes foram destruídos por cada alteração de proprietário.

Desenvolvimentos Vitorianos

A enorme expansão urbana que ocorreu no período Vitoriano provocou uma proliferação de lojas de retalho em todas as cidades, aldeias e subúrbios. Construtores como I & J Taylor e como S W Francis & Co. ofereciam largas gamas de desenhos normalizados, que podiam ser escolhidos por catálogo. Os exemplos típicos tinham montras altas, incorporando frequentemente um ventilador em ferro fundido, por baixo da faixa revestida com madeira ou vidro. Eram frequentemente incorporados veda-luzes na cornija e foram introduzidas grades de segurança de enrolar, em madeira, lá para os finais do século, em substituição dos taipais de madeira amovíveis. Na base da montra, a moldura de madeira incluía quer uma grelha inferior (bottom rail) quer uma soleira larga (deep sill), um pormenor frequentemente desprezado pelas interpretações modernas. Era habitual o apanelamento da porta e do painel por baixo da montra (stall riser).

Apesar de o vidro plano produzido por máquinas já estar à venda desde cerca da viragem do século, o seu uso foi bastante raro nas frontarias das lojas até à década de 1840, em que começaram a aparecer, em quantidade crescente, painéis altos sem serem subdivididos pelos bites da caixilharia. A produção de chapas de vidro maiores era mais limitada pelo seu custo do que pela tecnologia disponível. Aparecem alguns exemplos isolados de painéis de vidro em tamanho completo em lojas tais como a Asprey's, em Bond Street, Londres, na década de 1860, tornando-se mais vulgares lá para os finais do século.

A variedade de desenhos aumentou rapidamente durante este período, com o aparecimento, muito cedo, do ferro fundido, seguido pelo latão e pelo bronze em perfilados, por volta de meados do século, com pormenores requintados, incorporando frequentemente painéis por baixo das montras (stall-riser) em pedra ou em mármore, sem soleira.

Conservação

As autoridades actuais estão a ficar cada vez mais conscientes do efeito desastroso que a aparência das frontarias modernas das lojas e as suas sinaléticas têm causado nos nossos centros urbanos, e estão a impor limites apertados aos novos projectos. A maioria das mais importantes ruas de lojas estão ao abrigo de áreas de conservação, e as autoridades locais normalmente terão que pedir a autorização dessas áreas de conservação para as alterações das frontarias originais das lojas.

Os exemplos mais antigos devem ser conservados a todo o custo. Todos os componentes originais têm um valor histórico que não pode ser reproduzido, comparável às mais finas antiguidades. A substituição criteriosa de certos componentes, neles incluídos, em particular, os vidros e os metais, pode não ser fácil de encontrar.

Frequentemente, frontarias de lojas aparentemente novas podem conter um número suficiente de pormenores originais para permitirem um restauro minucioso do original. Faixas novas podem esconder a cornija original e a parte superior da verga da montra. Nestes casos o restauro resulta inevitavelmente numa aparência substancialmente mais impressionante do que se poderia conseguir com uma substituição moderna corrente.

Quando não tiverem sobrevivido os projecto originais, a solução moderna deve ser a mais honesta aproximação possível, mas de elevada qualidade, podendo ser também apropriado, e por vezes preferível, um projecto tradicionalmente pormenorizado. Em ambos os casos, a qualidade da pormenorização é crucial para o sucesso do projecto. Hoje em dia são vulgares os perfilados toscos e quadrados, executados em fábrica, que são frequentemente aplicados sem qualquer compreensão real sobre a maneira como uma caixilharia é construída. São frequentemente incorporadas faixas secundárias, perturbando o ritmo das montras altas ao longo da rua, e a laje de pavimento, em betão, está frequentemente exposta. Antes da chegada dos sistemas de alumínio, as frontarias eram quase sempre desenhadas para preencherem o vão, desde o pavimento até à face inferior da faixa, vulgarmente com um rodapé rebocado ou em madeira, e fixado ao pavimento.

AUTOR

JONATHAN TAYLOR MSc IHBC é o editor do Building Conservation Directory